



Avaliação Escolar: Perspectiva da Avaliação Escolar sob a ótica do supervisor¹

Lourival Inácio², Geremias Dourado da Cunha³, José Braz Araújo³, Maria Aparecida Peixoto³, Nayara Chaves³

¹Trabalho desenvolvido durante a disciplina de Sociologia e Filosofia da Educação

² Professor titular da disciplina de Sociologia e Filosofia da Educação do Curso de Licenciatura em Química do IFRO campus Ji-Paraná/RO

³ Acadêmicos do curso de Licenciatura em Química do IFRO campus Ji-Paraná/RO

Resumo: A avaliação deve ser entendida como uma atividade dinâmica e sistemática, que permeia e subsidia a prática pedagógica, através de instrumentos práticos, que possam dar um redimensionamento e redirecionamento para novos procedimentos do Sistema Educacional. Assim o presente trabalho teve como objetivo Identificar através do ponto de vista do supervisor da escola publica se as atuais avaliações escolares refletem o cotidiano do aluno. Esta pesquisa foi desenvolvida em seis escolas da rede pública do município de Ji-Paraná, foi constituída de revisão bibliográfica e entrevistas semi-instruturada com os profissionais responsáveis pela supervisão escolar. Há uma nítida dicotomia entre o que prega o sistema educacional e o que realmente acontece em sala de aula. Por outro lado, as entrevistas demonstraram que não há sintonia entre as equipes de supervisão e docentes, fato observado quando todos os supervisores consultados vêem a avaliação como instrumento de punição para o aluno. Avaliar é algo mais complexo, porque é conceitual, por mais que se tenha um conjunto de parâmetros, não deixará nunca de ser subjetiva. Indiscutivelmente, a seriedade desse tema requer um diagnóstico mais profundo, sem olhamos pro eu de cada um.

Palavras-chave: Avaliação, Aluno, Supervisor Escolar.

Introdução

Ao se propor analisar a perspectiva de um supervisor de escola publica, sobre a Avaliação Escolar, fazendo-o confrontar desempenho escolar e o seu cotidiano, esta pesquisa busca contribuir para o enriquecimento do tema Avaliação Escolar.

O processo de aprendizagem é norteado pelas quatro diretrizes básicas da educação: Aprender a Conhecer Aprender a Fazer, Aprender a Viver Juntos e Aprender a Ser. Partindo desses preceitos, pode-se afirmar que o ensino, a aprendizagem e a avaliação são partes integrantes, jamais processos independentes e distintos.

Essa integração deve ter como resultado uma educação que atenda a necessidade de mudanças, transformações e inovações nos diversos segmentos da formação humana. Daí o necessário entendimento, por parte do aluno, dos conceitos e compreensão dos processos para assim, apropriarem-se dos conteúdos do saber fazer, dos procedimentos a serem utilizados na prática e em suas atitudes como ser humano e cidadãos.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em seu artigo 9º, Inciso VI, diz que a União se incumbirá de assegurar o processo nacional de avaliação do rendimento escolar do Ensino Fundamental, Médio e Superior, em colaboração com os sistemas de ensino, objetivando a definição de propriedades e a melhoria da qualidade do ensino. Já, no artigo 24, inciso V, alínea a, ressalta que a avaliação deve ser contínua e cumulativa em relação ao desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais.

É fato, este tema exige uma reflexão mais ampla, sobre questões políticas e econômicas. Os dados dos órgãos de controle e avaliação da educação brasileira são preocupantes, vez que, revelam que na imensa maioria, nossos alunos apresentam dificuldades de leitura e interpretação.

O diagnóstico acerca destes resultados, dependendo da corrente ideológica de cada observador, são controversos e por vezes conflitantes, no entanto, o que todos concordam, é preciso mudar.



Essa mudança exige esforços coletivos, na direção de uma educação de qualidade, respaldada numa política inclusiva e democrática. Esta pesquisa revelou a dicotomia que há entre a análise de um supervisor escolar e a prática vivenciada em sala de aula. Assim, o presente artigo teve por objetivo identificar através do ponto de vista do orientador da escola pública se as atuais avaliações escolares refletem o cotidiano do aluno e quais as sugestões para uma nova tomada de decisão.

Material e Métodos

Esta pesquisa foi desenvolvida em seis escolas da rede pública de ensino do nosso município. Foram feitas entrevistas semi-estruturadas com os profissionais responsáveis pela supervisão escolar, desde ensino fundamental até o médio.

Para embasamento, utilizaram-se de coleta de dados bibliográfico, especialmente temas cuja proposta fosse mais reflexiva, atendendo assim, ao objetivo maior desta pesquisa, identificar falhas e apontar soluções para o problema da avaliação escolar brasileira.

Resultados e Discussão

Na visão da supervisora da primeira escola entrevistada, um dos principais problemas identificados em relação à avaliação, é que a grande maioria dos professores não entende que a avaliação é diagnóstica cujo objetivo maior, é extrair desse processo, uma reflexão sobre o que está se ensinando e aprendendo. Esta sua visão vem de encontro com o que se estabelece a grande maioria dos especialistas ao afirmarem que a função do professor é investigar as dificuldades enfrentadas pelos alunos.

Ainda segundo esta supervisora, a avaliação ainda é um instrumento inimigo do aluno, contrariando totalmente os fins pelos quais deva ser encarada pelo aluno. Afirma “As avaliações aplicadas não tem sido coerente com a prática ensino-aprendizagem, desvinculando-se do objetivo principal da avaliação e que os métodos avaliativos são falhos, havendo uma dicotomia entre aprovação e avaliação, onde aquele sobrepõe este, independente das habilidades desenvolvidas pelo o aluno, refletindo na má qualidade do ensino público”.

Os aspectos quantitativos sobre os qualitativos tem sido segundo ela, um dos sérios problemas nas avaliações escolares, onde se evidencia, má qualidade das aulas, falhas de planejamento e comprometimento de alguns professores. Não ver, relação direta entre avaliação e êxito, nesse sistema atual. Os alunos estão saindo das escolas sem o necessário domínio das habilidades para encarar uma faculdade e mesmo o mercado de trabalho. Em síntese, para esta supervisora, as avaliações escolares tal qual como são aplicadas não reflete o cotidiano do aluno da escola pública atual.

Para a supervisora da segunda escola entrevistada, um problema ainda existente em sala de aula, é o caráter punitivo que a avaliação escolar representa para o aluno. Segundo ela, a postura impositiva de alguns professores é refletida na forma como ele avalia seus alunos. Não existe coerência entre conteúdo ministrado e avaliado. Para que as avaliações cumpram seu papel investigativo, pondera, exige do professor competência, habilidade e responsabilidade.

Ainda segundo esta supervisora, os aspectos qualitativos em relação aos conteúdos ministrados, deixam a desejar, dado a constatare preocupação dos professores em “cumprir carga horária”. No seu ponto de vista, no entanto, é possível relacionar êxito-avaliação. O aluno bem avaliado obtém êxito, se o professor fizer as intervenções devidas, no momento certo e com total imparcialidade.

Na percepção da supervisora da terceira escola entrevistada, é preciso que a escola desenvolva seu papel com coerência e responsabilidade, para que a aprendizagem ocorra de fato. Em sua opinião, não é o tipo de avaliação que irá definir a coerência entre sistema de ensino e aprendizagem. Mas um conjunto de atitudes encampadas por todos, professores, alunos, pais e escola.

Para esta supervisora, o acompanhamento pedagógico, buscando diagnosticar os problemas, assessorando professores e apoiando os alunos, podem sim ser coerente com o sistema ensino-aprendizagem. A ausência da família é apontada como uma das causas mais seria no desempenho



escolar do aluno. A falta de uma cobrança maior dos pais, em relação às tarefas de casa do aluno, contribui para o fraco desempenho em sala de aula.

Os aspectos qualitativos, segundo essa supervisão, sobrepõem aos quantitativos, devido a vários fatores, sendo a falta de homogeneidade um dos principais. Por outro lado, o número crescente de aluno por turma, é apontado como um dos fracassos escolares, contribuindo para que as avaliações não atinjam seus objetivos. “Na atual conjuntura, com salas com quarenta alunos, é impossível se fazer avaliação individual”.

A supervisora da quarta escola entrevistada acredita que a avaliação é o meio pelo qual estabelecemos uma relação entre o aluno e sua compreensão, ou seja, o professor precisa de algo que comprove sua didática em sala de aula, de modo que o processo ensino aprendizagem esteja tendo resultados satisfatórios em relação a seu trabalho.

A mesma acredita ainda que a escola deva buscar meios para que a avaliação não seja um processo de seleção, onde a função maior fique restrita às atividades decorativas sem novas perspectivas de aprendizagens.

Ela ainda acredita que os professores precisam ter mais consciência da função da avaliação de da própria função profissional, pois diante às dificuldades em que o aluno apresenta em determinada situação ainda é possível de estabelecer uma condição favorável do nível do aluno com o objetivo que se deseja do mesmo. A supervisora ainda informou que constantemente são realizados momentos de estudos com professores para tratar assuntos inerentes ao processo avaliativo, para que os mesmos estejam cientes de suas responsabilidades acerca deste processo.

Na concepção da supervisora da quinta escola entrevistada, o professor deve buscar em suas avaliações a integração do aluno aos conteúdos, ou seja, fazer com que o mesmo tenha capacidade de utilizar o que aprendeu em outros momentos.

Ela acredita que ainda existem muitos professores que analisam a avaliação como um caráter seletivo que vai determinar quem realmente aprendeu os conteúdos ou não. Quando se procura ao aluno o que pensa sobre a avaliação, a resposta mais freqüente é uma seqüência de provas e ou testes, mas avaliação escolar não é somente isso, e sim tudo que é passado para o aluno fazer valendo nota.

O professor não deve levar em conta somente os pontos adquiridos nas provas, mas também a participação em sala de aula, as freqüência, o interesse do aluno e os trabalhos realizados que são entregues.

Em análise ao posicionamento de uma supervisora de uma escola da zona rural, a mesma vê a avaliação como um organizador prévio da metodologia de ensino do professor, ou seja, ela dever ser vista como o reflexo das atividades do professor de modo que o mesmo tenha ciência de que a maneira como proporciona o ensino aprendizagem está coerente com a compreensão do aluno ou não.

A supervisora ainda acredita que a avaliação trabalhada na escola, tem função muito restrita ao que deveria ser trabalhada, principalmente pelo nível de compreensão dos professores acerca do assunto, ela acredita que as universidades deveriam propor novos métodos aos cursos de licenciatura, para quando o educador chegasse à escola ele tivesse ciência do conceito de avaliação e não confundisse com atribuição de notas em função de determinado conteúdo ensinado.

A entrevistada acredita que a avaliação no cotidiano escolar tem a função quase que exclusiva de estabelecer um conceito de aptidão ao aluno, demonstrando que ele está apto ou não a ir para o ano seguinte.

Na opinião de Zabala (1998) a avaliação refere-se ao instrumento como processo para avaliar o grau de alcance, de cada menino e menina em relação a determinados objetivos previstos nos diversos níveis escolares. Basicamente é considerado como um instrumento sancionador e qualificador, em que o sujeito da avaliação é o aluno.

Em alguns momentos ela informou que é extremamente difícil mudar os métodos avaliativos utilizados pelos professores, pois a maneira em que eles utilizam para dar conceito aos alunos, são formas utilizadas desde quando iniciaram a carreira de educador.



Diante do quadro apresentado na visão destas seis escolas, através de seus supervisores, é possível diagnosticar, que há falhas no processo avaliativo. Assim, as avaliações não cumprem os objetivos aos quais se propõem. São processos de caráter mais classificatórios do que avaliativo.

De acordo com Luckesi (2001) a avaliação é um julgamento de valor sobre manifestações relevantes da realidade para a tomada de decisão. Em primeiro lugar é um juízo de qualidade que nada mais significa que uma afirmação ou negação qualitativa sobre alguma coisa tendo como base estabelecida previamente

Há uma nítida dicotomia entre o que prega o sistema educacional e o que realmente acontece em sala de aula. Por outro lado, as entrevistas demonstraram que não há sintonia entre as equipes de supervisão e docentes, fato observado quando todos os supervisores consultados vêem a avaliação como instrumento de punição para o aluno.

A evidência de que o fracasso do aluno está relacionado aos poucos desempenhos do professor, não me parece justa. Muitos fatores contribuem para isso, desde ausência de pais, famílias desestruturadas, escolas mal equipadas, carga horária de professores e principalmente salários defasados.

Segundo Moretto (2002), para se ter sucesso no ensino é preciso que o professor estabeleça claramente os objetivos ao preparar suas aulas, analisando os conteúdos propostos e verificando se são relevantes para o contexto de seus alunos, considerando as características psico-sociais, graus intelectuais, capacidade de estabelecer relação do conteúdo ensinado com o dia-a-dia.

Conclusões

Aferir notas é um processo relativamente simples. Ou você acerta ou erra, sem meio termo. Não existe resposta pela metade. Em qualquer que seja a disciplina, uma resposta exige um conhecimento lógico.

Avaliar é algo mais complexo, porque é conceitual, por mais que se tenha um conjunto de parâmetros, não deixará nunca de ser subjetiva. Indiscutivelmente, a seriedade desse tema requer um diagnóstico mais profundo, sem olharmos pro eu de cada um. Não é buscando culpados que serão resolvidos os graves problemas da educação, entre eles o processo avaliativo. O que não se pode perder de vista, é o aluno.

Esse é e para sempre será o centro das nossas ações. Tão pouco, não devemos esperar pela mão amiga do governo. Só as nossas ações conjuntas, pais, alunos e educadores poderão mudar essa lamentável situação que se encontra a educação brasileira.

Em síntese, a ação do professor deve estar voltada para a promoção da aprendizagem dos alunos, promovendo um bom desempenho em todas as atividades. Faz-se necessário que o professor reveja o currículo, plano de curso, planejamento, estratégias, métodos e materiais didáticos perseguindo sempre os resultados esperados.

Literatura citada

- BRASIL, Ministério da Educação. Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1997.
- HOFFMANN, Jussara, Avaliação Mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade. 20ª Ed. revisada. Porto Alegre. Editora Mediação, 2003
- FAVA, Gilmar J, Avaliação Escolar: uma proposta para reflexão em sala de aula, disponível em www.psicopedagogia.com.br/artigo.asp, pesquisado em 23/08/2011.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições. 2 ed. São Paulo: Editora Cortez, 2001.
- MORETTO, Vasco Pedro. Prova – um momento privilegiado de estudo – não um acerto de contas. 3 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.



PERRENOUD, Philippe. A construção do Eixo do Fracasso Escolar. Trad. Pablo Manzano. Madrid: Morata/La Coruña: Paidéia, 1990.

VASCONCELOS, Celso dos S. Avaliação: concepção dialética-libertadora do processo de avaliação escolar. São Paulo: Libertad, 1994.

ZABALLA, Antoni – Práticas Pedagógicas: unidade de Análise - A Zaballa; trad. Ernani F. da Rosa – Porto Alegre: Artmed, 1998



19 a 21 de outubro - Ciência, tecnologia e inovação: ações sustentáveis para o desenvolvimento regional